

**É LEGAL APRENDER INGLÊS! CRENÇAS DE CRIANÇAS SOBRE A
APRENDIZAGEM DE INGLÊS-LE**

Isabela Tornopolski Queiroz¹

Raquel Cristina Mendes Carvalho²

RESUMO

A presente pesquisa relata um estudo etnográfico sobre crenças de crianças a respeito da aprendizagem de inglês como língua estrangeira (inglês-LE). Estudos na área de crenças sobre ensino/aprendizagem de LE no Brasil vêm sendo desenvolvidos com bastante frequência (BARCELOS, 2001, 2005, 2006; ABRAHÃO, 2006; BASSO, 2006), entretanto, pouco se vê a respeito das crenças de crianças que estão aprendendo um novo idioma. Assim, com o objetivo de identificar as crenças de 22 crianças de 6 a 10 anos de idade, solicitamos que essas crianças representassem com desenhos o que é aprender inglês-LE. Esses participantes são alunos de um curso particular de inglês-LE há 8 meses. Os resultados mostraram que para os alunos músicas, jogos, leitura, conversação são atividades marcantes da aula de inglês-LE, e que uma das finalidades de se aprender uma LE é para que possam viajar e conversar com estrangeiros.

Palavras-chave: Crenças. Aprendizagem. Inglês-LE. Crianças

INTRODUÇÃO

Há algumas décadas já se observa o ensino de inglês como língua estrangeira (LE) para crianças no Brasil. Podemos afirmar que o número de escolas, institutos e centros de idiomas que oferecem aulas de inglês-LE para crianças está em constante expansão. A cada ano percebe-se um crescimento no número de pais que matriculam seus filhos nessas escolas para que iniciem seus estudos no idioma estrangeiro. Segundo Rocha (2007) “a pressão por um início da aprendizagem de LE ainda na infância tem sua origem na pressuposição de que a criança tem condições de aprendê-la mais facilmente” (p.73).

Também é crescente o número de trabalhos, a respeito do ensino/aprendizagem de LE para crianças (LEC), haja vista Pires (2004), Carvalho (2005), Rocha (2006, 2007, 2008), Carvalho (2007), Tombosi (2007), Tonelli (2008), Souza et al (2008), entre outros. Todavia, o número de investigações sobre crenças com relação ao ensino-aprendizagem de LEC, ainda é restrito.

Desta forma, o presente estudo ocupa-se de buscar respostas para os seguintes questionamentos: para as crianças, é bom estudar uma língua estrangeira?; qual a finalidade de se aprender inglês-LE?; o que é aprender inglês-LE?; como se aprende uma LE?. Ao responder tais questionamentos buscamos entender as crenças das crianças, abaixo de 10 anos, ao freqüentar as aulas de inglês-LE em contextos de cursos particulares.

Dividimos este artigo em cinco sessões. Na próxima sessão apresentamos a perspectiva teórica que embasou nossa investigação. Em seguida, descrevemos a metodologia adotada para coleta e análise dos dados. Na sessão seguinte os dados coletados são evidenciados e discutidos. Para encerrar, tecemos nossas considerações finais tendo por base nossos questionamentos iniciais.

2 SUPORTE TEÓRICO

Ensino/aprendizagem de LEC

Estudos na área de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras para crianças (LEC) vêm sendo desenvolvidos com freqüência, no Brasil, nos últimos tempos. Exemplos dessas pesquisas podem ser vistos em Pires (2004), Carvalho (2005), Rocha (2006, 2007), Carvalho (2007).

Conforme Rocha (2007) afirma, “a pressão por um início da aprendizagem de LE ainda na infância tem sua origem na suposição de que a criança tem condições de aprendê-la mais facilmente” (p.73). Pires (2004), que investiga as vantagens e desvantagens de ensinar uma língua estrangeira na Educação Infantil no Brasil, percebeu que a preocupação dos pais com o futuro profissional de seus filhos cresce cada vez mais, e, para que eles possam competir no mercado de trabalho, o inglês é fundamental. Essa preocupação dos pais demonstra a crença que ao matricular seu filho em uma escola de inglês, oportunizam-lhe a aprendizagem de uma nova língua. Para que isso aconteça os pais procuram uma

escola que disponibilize o inglês na sua grade curricular, e isso ocorre principalmente nas escolas particulares.

Entretanto, ainda de acordo com Pires (2004) as escolas particulares estão terceirizando seus serviços, contratando empresas para ministrar as aulas de inglês, sem se preocupar com a qualidade de ensino. O que acontece é que, segundo a autora, esses professores são recém formados, com formação para ensinar adolescentes e adultos, e muitas vezes não têm a pedagogia específica da Educação Infantil.

Rocha (2006) busca entender qual é a melhor idade para ensinar uma nova língua para crianças ainda não alfabetizadas. Segundo a autora, o ensino da língua estrangeira (LE) está relacionado com a pedagogia do professor no que concerne o conhecimento que ele precisa ter para ensinar uma língua estrangeira para crianças. Os professores devem reconhecer que ensinar uma língua estrangeira para os pequenos aprendizes requer intuição e habilidades específicas (BROWN, 1994) talvez como: estarem abertos a aprender, serem dinâmicos e criativos.

Neste contexto da formação dos professores, Carvalho (2005) realizou uma pesquisa-ação para analisar o discurso de uma professora de língua inglesa para crianças com idade de 2 e 3 anos. Em sua pesquisa, buscou interpretar as interações entre a professora e seus alunos nas aulas de inglês como língua estrangeira, identificando como um professor utiliza de suas ações dentro da sala de aula, para facilitar a interação com os alunos. A autora acredita que as crianças possuem um período curto de atenção, e para que o professor consiga despertar cada vez mais a atenção, e o interesse da criança pelas aulas de LI, é necessário que ele utilize de meios atrativos e dinâmicos, porém sem exceder o nível de dificuldade, e de capacidade das crianças de 2 a 3 anos.

Outra dificuldade abordada por Pires (2004) é a falta de materiais didáticos para crianças ainda não alfabetizadas, e para que os professores possam trabalhar com esses materiais eles precisam fazer algumas adaptações. Todavia, essas adaptações muitas vezes são feitas de uma forma errônea, prejudicando o desenvolvimento da aula.

Para tentar minimizar a falta dos materiais didáticos de inglês, Carvalho (2007) sugere o uso das artes visuais. Conforme a autora há que se utilizar métodos dinâmicos para atrair a atenção das crianças, e para isso os professores podem utilizar músicas, figuras, objetos, desenhos, fornecendo subsídios para que as crianças possam assimilar o que a professora

está tentando ensinar. Desta forma, isso poderá facilitar, não só a associação do contexto, mas também a memorização do vocabulário ou da estrutura.

CRENÇAS E ENSINO/APRENDIZAGEM

O professor pode ser muito influente nas crenças de seus alunos. Leffa (2001 apud BASSO, 2006) afirma que ao ensinar, o professor pode modificar seu aluno, pois a sua metodologia pode ajudar na evolução da aprendizagem da língua. Porém, Barcelos (2005) afirma que se o professor possui uma crença e o aluno outra, isso pode causar um conflito, dificultando a aprendizagem. Barcelos (2005), em sintonia com Jonhson (1997, apud BASSO, 2006) acredita que a aprendizagem dos alunos é melhorada quando eles percebem as expectativas e as intenções do professor, e quando os professores também percebem as expectativas de seus alunos.

Em seus estudos sobre crenças, Barcelos (2001) sugere que

apesar de não haver uma definição uniforme a respeito de crenças sobre aprendizagem de línguas, em termos gerais, elas podem ser definidas como opiniões, idéias que alunos (professores) têm a respeito dos processos de ensino aprendizagem de línguas. (p.72)

A autora cita como exemplo de crenças dos alunos, o fator de que só se aprende uma língua estrangeira quem viaja para um país onde a língua é falada, ou que só é possível adquirir uma nova língua se praticá-la ao conviver com falantes. Dentre esses exemplos podemos citar muitos outros, pois as crenças possuem um caráter subjetivo, individual, contudo são construídas socialmente (BASSO, 2006).

Para entender mais sobre os tipos de crenças, Barcelos (2001) utiliza três tipos de abordagens em uma pesquisa: a primeira é a Normativa, que utiliza questionários fechados, que consistem em responder com SIM ou NÃO. A segunda abordagem é a Metacognitiva, que consiste em entrevistas semi-estruturadas, ou auto-relatos. Finalmente a terceira abordagem, a Contextual, onde as crenças são inferidas dentro do contexto de atuação do participante investigado.

De acordo com Abrahão (2006) nos estudo sobre crenças, os desenhos começaram a ser usados com sucesso, como mais um instrumento para resgatar as visões e expectativas que os alunos têm, principalmente as crianças ainda não alfabetizadas, que não conseguem responder a um questionário ou uma entrevista, sobre o processo de ensino e aprendizagem de uma LE. Para a realização deste artigo vamos utilizar das análises de desenhos, para tentar entender quais são as crenças que as crianças possuem ao aprender inglês como língua estrangeira (LE).

3 METODOLOGIA

A presente investigação, dentro de uma abordagem contextual (Barcelos, 2001) foi desenvolvida em um curso particular de Língua Inglesa para crianças de 6 a 10 anos de idade.

A pesquisa contou com 22 crianças, sendo 16 meninas, e 6 meninos. Primeiramente, contatamos a escola para que nos fosse autorizada a realização da coleta dos dados. Em seguida marcamos uma reunião com os professores do curso, mais especificamente os que trabalhavam com as crianças, para explicar o objetivo e desenvolvimento da pesquisa. Esse procedimento se deu a fim de que os professores pudessem encaminhar o formulário de autorização aos pais, que deveriam permitir o desenvolvimento da pesquisa com seus filhos. Caso os pais tivessem dúvidas imediatas, os professores poderiam esclarecê-las ou encaminhá-los às pesquisadoras para que sanassem essas dúvidas.

De posse das autorizações, agendamos com as professoras um horário de suas aulas para que pudéssemos visitar as salas de aula e proceder à coleta dos dados para a pesquisa.

Primeiramente, explicamos às crianças os procedimentos da pesquisa. Os alunos se mostraram atentos e dispostos a participar. Distribuímos uma folha de papel A4 para cada criança, comunicamos que a posição da folha ficaria a critério de cada um, e que os alunos poderiam utilizar lápis de cor, canetinha, ou qualquer outro material de que dispusessem para desenhar.

Em seguida direcionamos uma conversa para que as crianças pudessem expressar suas opiniões através dos desenhos. Nas quatro turmas, o procedimento foi o mesmo. A conversa teve por base as seguintes questões:

- O que vocês acham de aprender inglês?
- O que vocês acham das aulas de Inglês?
- Quais são suas atividades na aula de Inglês?
- O que vocês acham do ambiente da sua sala?
- Como é sua *teacher*, como é sua aula?
- Do que vocês mais gostam, qual é a parte da aula que mais lhes chama a atenção?
- Para que vocês estudam inglês?
- O que é o inglês para vocês?
- Quando e como vocês acham que irão utilizar o que estão aprendendo?

Na sequência deixamos que as crianças¹ se expressassem livremente. Após a conclusão de seus desenhos, ao entregar a folha de papel, algumas crianças faziam questão de explicá-lo.

A partir dos dados coletados, partimos para a análise dos desenhos, tendo por base a perspectiva teórica sobre crenças e sobre ensino/aprendizagem de Inglês como língua estrangeira (LE) para crianças.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise dos dados se deu a partir das questões sugeridas na conversa com as crianças. Primeiramente, verificamos a opinião delas sobre aprender inglês- LE e sobre as aulas propriamente ditas. Foi possível observar que 8 dos 22 alunos vêem a aprendizagem de inglês como algo prazeroso. Podemos verificar essa crença por meio dos desenhos abaixo:

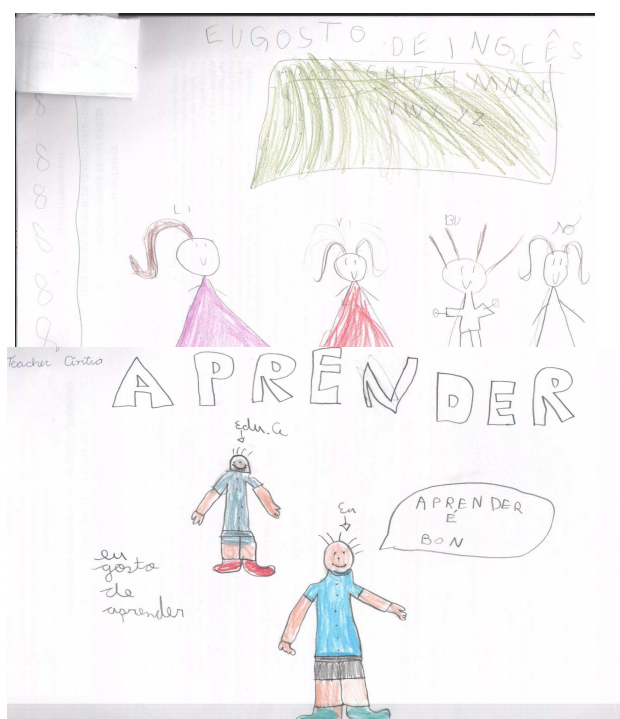


Fig. 4.1. Opinião inglês-LE. “Eu anos)

sobre aprendizagem de gosto de inglês” (Lara,6

¹ Foram atribuídos pseudônimos aos autores dos desenhos para preservar a identidade dos participantes.

Fig. 4.2. Opinião sobre aprendizagem de inglês-LE. “Aprender é bon (sic)” “Eu gosto de aprender”
(Luiz Gustavo, 8 anos)

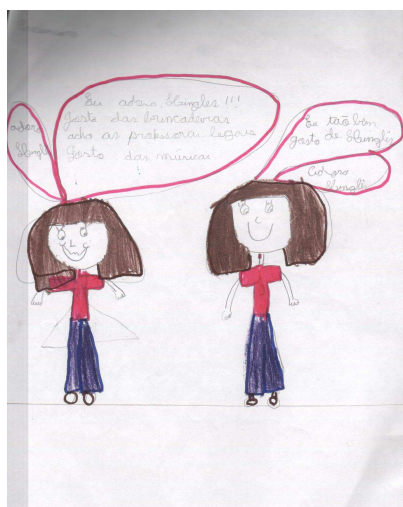


Fig. 4.3. Opinião sobre aprendizagem de inglês-LE. “Eu tão (sic) bem gosto de Hinglês (sic)” “Eu adoro Hinglês (sic)” (Fabi, 10 anos)

Entretanto, foi possível observar também que um dos participantes parece não gostar de aprender a língua inglesa (LI).



Fig. 4.4. Opinião sobre aprendizagem de inglês-LE. “Chato” (Matheus, 6 anos)

Ao serem solicitados a contar sobre o tipo de atividades desenvolvidas na sala de aula de LI, foi possível perceber a representação de atividades diversas como: jogos, leitura, conversação, música entre outros. De maneira geral podemos afirmar, conforme explicação das próprias crianças, que elas desenharam as atividades que mais gostavam. Podemos verificar esses dados nos seguintes desenhos:



Fig. 4.5. Atividades desenvolvidas na sala de aula. (Karina, 10 anos)

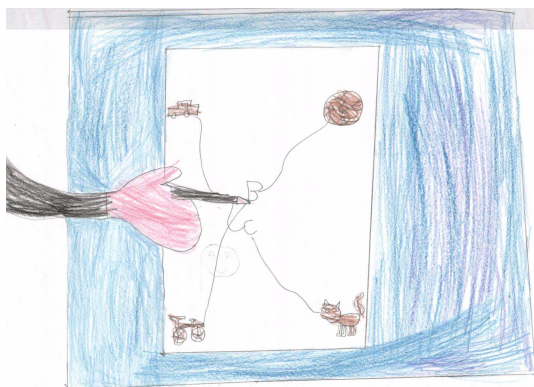
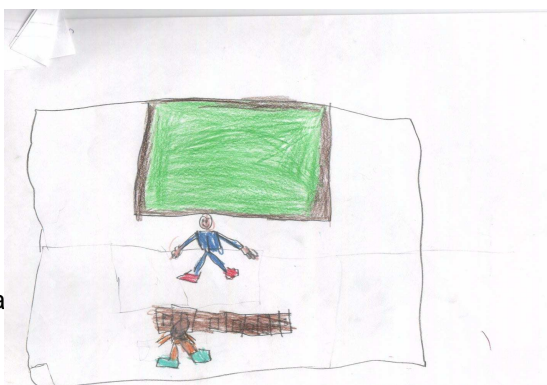


Fig. 4.6. Atividade desenvolvida em sala de aula. (Caroline, 8 anos)

O desenho da Fig. 4.6. foi explicado pela aluna Caroline como sendo uma atividade que a professora desenvolveu na sala de aula e que a aluna

desenvolveu na sala de mais gostou.



Signo. Sa

jul.-dez., 2010.
lex

Fig. 4.7. Atividade desenvolvida em sala de aula. (Luciano, 8 anos)

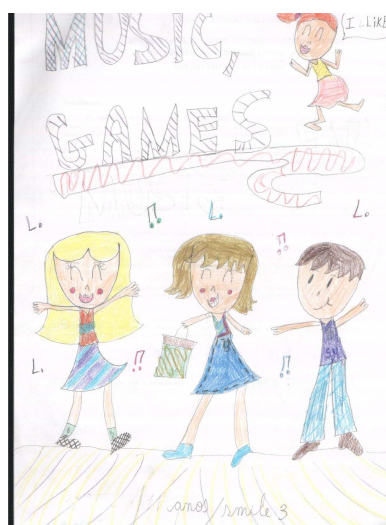


Fig. 4.8. Atividade desenvolvida em sala de aula. (Bruna, 11 anos)

Dentre as atividades desenvolvidas em sala de aula, uma aluna (Isabel, 9 anos) optou por dividir seu desenho em duas partes: registrou o que gosta e o que não gosta.



Fig. 4.9. Atividades desenvolvidas em sala de aula. (Isabel, 9 anos)

Com relação às atividades de sala de aula, os alunos representaram uma variedade de atividades de movimento que são desenvolvidas durante as aulas. Carvalho (2005) sugere que as aulas de LEC devem ser atrativas e dinâmicas. Parece-nos então, que as professoras preocupam-se em proporcionar esses meios buscando uma aula divertida e mantendo a atenção das crianças. Essas atividades, de acordo com Carvalho (2007), podem ajudar na compreensão e no aprendizado das crianças.

Durante a conversa também solicitamos que as crianças mostrassem em seus desenhos como era o ambiente da sala de aula. Das 22 crianças participantes da pesquisa, 11 não quiseram se expressar a respeito, as outras 11 desenharam o quadro e a professora, entretanto pudemos observar que em alguns desenhos as crianças procuraram mostrar detalhes da sala de aula como: aparelho de som, mural, tapete, assunto da aula, entre outros. Os desenhos a seguir exemplificam alguns desses detalhes. Vale ressaltar que em todos os desenhos os alunos não estão sentados, revelando uma atmosfera descontraída em que os alunos se movimentam durante a aula em atividades variadas.

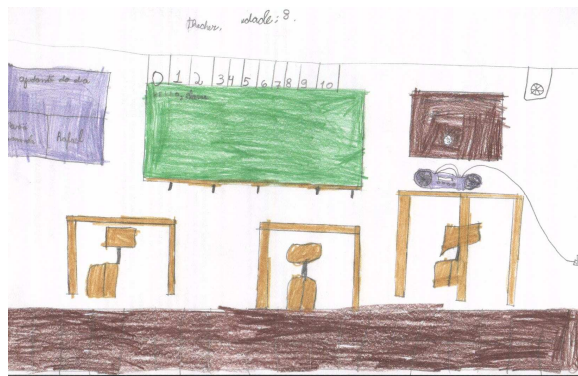


Fig. 4.10. Ambiente da sala de aula. (Vitor, 8 anos)



Fig. 4.11. Ambiente da sala de aula. (Mirian, 10 anos)

Após conversarmos sobre o ambiente de sala de aula, pedimos às crianças que representassem a professora de inglês.



Fig. 4.12. Representação da professora. (Sarah, 6 anos)

Ao entregar o desenho da Fig. 4.12. a aluna Sarah indicou a representação da professora numa aula em que ela havia trazido pipoca e refrigerante.

Verificamos que os alunos de 9 e 10 anos, não se manifestaram a respeito da professora e apenas duas alunas de 7 e 8 anos desenharam a professora braba. Podemos verificar por meio dos seguintes desenhos:



Fig. 4.13. Representação da professora. (Célia, 8 anos)



Fig. 4.14. Representação da professora. (Maria Luiza, 7 anos)

De acordo com Barcelos (2005) em sintonia com Jonhson (1997 apud BASSO, 2006), a interação entre o professor e o aluno, e as propostas dos professores, é muito importante para o aprendizado. Percebemos isso quando os alunos expressam sua opinião sobre a professora nos desenhos, isso mostra que eles se importam com a relação que a professora estabelece com eles.

Quando conversamos sobre o que eles entendem por aprender inglês, os alunos parecem não saber explicar o que é. Por outro lado, quando pedimos que demonstrassem para que estudam a língua inglesa, obtivemos várias justificativas presentes nos desenhos:

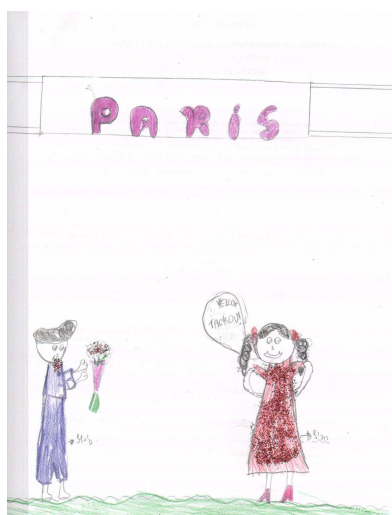


Fig. 4.15. Justificativa sobre aprendizagem de inglês-LE. (Gabriela, 10 anos)

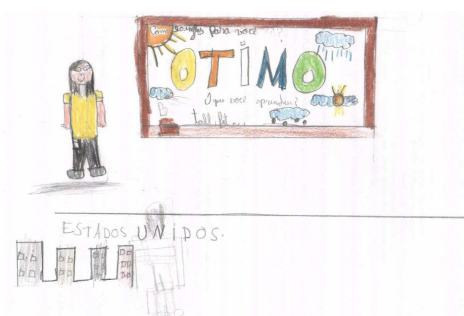


Fig. 4.16. Justificativa sobre aprendizagem de inglês-LE. (Maria, 10 anos)



Fig. 4.17. Justificativa sobre aprendizagem de inglês-LE. (Luciana, 7 anos)

Ao entregar seu desenho, a aluna Luciana explicou que quando era pequena foi para Disney e não entendia, nem conseguia falar com seus personagens favoritos, assim, agora que está estudando inglês vai poder viajar novamente e se comunicar com o *Mickey* e a *Minnie*.



Fig. 4.18. Opinião sobre aprendizagem de inglês-LE. (Emanuel, 10 anos)

O aluno Emanuel, quando entregou seu desenho justificou sua aprendizagem dando ênfase à compreensão de falantes de língua inglesa nos Estados Unidos, ou seja, que quando ele for para Washington, poderá entender o que as pessoas falarem: *"I'm hungry"* "Que bom que eu sei!" (Emanuel, 10 anos)

Observamos que, em geral, esses alunos parecem acreditar que a aprendizagem de uma língua estrangeira poderá facilitar-lhes a comunicação quando viajarem para outros países.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo relata uma pesquisa etnográfica em que se propôs identificar as crenças de 22 crianças com relação à aprendizagem de inglês-LE em um curso particular de idiomas. Os dados da pesquisa foram coletados a partir de desenhos que as crianças realizaram com base em uma discussão proposta pelas pesquisadoras. A discussão foi conduzida com os seguintes tópicos: prazer em aprender inglês-LE; atividades desenvolvidas nas aulas; relacionamento com a professora e colegas; finalidade da aprendizagem.

De acordo com as análises dos desenhos, percebemos que as crianças veem o aprendizado de inglês como algo prazeroso, como por exemplo ao escrever "eu gosto de aprender inglês", ou pela expressão facial dos desenhos. Entretanto, um aluno parece não gostar de aprender inglês, pois ao desenhar enfatizou e escreveu a palavra "chato".

Conforme Carvalho (2007), já citado anteriormente, para facilitar, e melhorar o aprendizado das crianças é importante que o professor utilize métodos diversificados. Podemos comprovar isso, na questão das atividades desenvolvidas pelas professoras em sala de aula. É notável a preocupação delas em diversificar as atividades, levando materiais atrativos, métodos dinâmicos, como músicas, jogos, entre outros. As crianças expressaram em seus desenhos que consideram importante essa diversificação, ao desenharem suas atividades preferidas.

Outro fator verificado nos desenhos é a crença das crianças, semelhante a dos pais (PIRES, 2004), com respeito à aprendizagem de inglês-LE para o futuro

profissional. Alguns dos desenhos destacaram a utilização do computador, e a necessidade de aprender uma LE para facilitar a compreensão e a comunicação ao viajarem para o exterior. Percebe-se que as crianças parecem estar conscientes de que saber falar mais que um idioma fará com elas se destaquem na carreira profissional, e em outros aspectos, mostrando uma preocupação com seu futuro.

Finalmente, salienta-se que o assunto, ainda não esgotado, requer mais pesquisas sobre as crenças a respeito de aprendizagem e/ou ensino de LEC, pois a partir desses estudos pode-se aprimorar a formação de professores e atuação nas salas de aula de LE.

IT'S COOL TO LEARN ENGLISH! BELIEFS ABOUT CHILDREN'S LEARNING OF ENGLISH-LE

ABSTRACT

This study reports on an ethnographic investigation about young learners' beliefs regarding English as foreign language (EFL) learning. Studies on beliefs about EFL teaching and learning in Brazil has been frequently carried out (BARCELOS, 2001, 2005, 2006; ABRAHÃO, 2006; BASSO, 2006). However, there is little investigation about young learners' beliefs when studying a foreign language. Therefore, in order to identify 22 children's beliefs, they were asked to draw about what they understand by learning EFL. These children are six to ten years old, and have studied English in a private course for eight months. The drawings showed that for these young learners, songs, games, readings and conversation are highlighted activities during the classes. Moreover, it was identified that learning EFL is also important for traveling and talking with foreign people.

Keywords: Beliefs. Learning. EFL. Young learners.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M.H.V. Metodologia da investigação das crenças. In: BARCELOS, A.M.F. e ABRAHÃO, M.H.V. (Orgs.) *Crenças e Ensino de Línguas – Foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas, SP: Pontes, 2006. p. 219-231.

BARCELOS, A.M.F. Metodologia da pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: estado da arte. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, v.1, n.1, p.71-92, 2001.

_____. A Cultura de aprender línguas (inglês) de alunos no Curso de letras. In: ALMEIDA FILHO, J.C.P. de (org.) *O Professor de Língua Estrangeira em Formação*. Campinas: Pontes, 2005.

BASSO, E.A. Quando a crença faz a diferença. In: BARCELOS, A.M.F. e ABRAHÃO, M.H.V. (Orgs.) *Crenças e Ensino de Línguas – Foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas, SP: Pontes, p.65-85, 2006.

BROWN, H.D. *Teaching by principles – An interactive approach to language pedagogy*. USA: Prentice Hall, p.90-98, 1994.

CARVALHO, R.C.M. de. A teacher's discourse in EFL classes for very young learners: investigating mood choices and register. 2005. 87f. Dissertação (Mestrado em Língua Inglesa e literaturas Correspondentes) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

CARVALHO, T. Artes Visuais na Educação Infantil Bilingüe. In: TONELLI, J.R.A.; RAMOS, S.G.M. (Orgs.) *O ensino de LE para crianças: reflexões e contribuições*. Londrina: Moriá, p. 35-59, 2007.

PIRES S.S. Ensino de inglês na educação infantil. In SARMENTO, S. e MÜLLER, V. (orgs) *O ensino do inglês como língua estrangeira: estudos e reflexões*. Porto Alegre: APIRS, p.19-42, 2004.

ROCHA, C.H. O ensino de LE (inglês) para crianças por meio de gêneros: um caminho a seguir. *Contexturas*, v.10, p.65-93, 2006.

_____. Reflexões e proposições sobre o ensino de LE para crianças no contexto educacional brasileiro. In: ALVAREZ, M.L.O.; SILVA, K. A. da. *Lingüística Aplicada: múltiplos olhares*. Campinas: Pontes, p.71-107, 2007.

_____. O ensino de línguas para crianças: refletindo sobre princípios e práticas. In: ROCHA, C.H.; BASSO, E.A. (Orgs.) *Ensinar e aprender língua estrangeira nas diferentes idades – reflexões para professores e formadores*. São Carlos: Claraluz, p.15-55, 2008.

SOUZA, A.C.F. de; MELLO, M.G.B.de; CARVALHO, R.C.M.de; CARAZZAI, M.R.P. Crenças, práticas e conteúdo adaptado: uma professora de inglês-LE na Educação Infantil. *Caderno Seminal Digital*. Rio de Janeiro, v.10, p. 6-18, 2008.

TOMBOSI, H.H.de F. Investigating language play in interation: a study with children

as foreign language learners. In: TONELLI, J.R.A.; RAMOS, S.G.M. (Orgs.) *O ensino de LE para crianças: reflexões e contribuições*. Londrina: Moriá, p.77-231, 2007.

TONELLI, J.R.A.; RAMOS, S.G.M. (Orgs.) *O ensino de LE para crianças: reflexões e contribuições*. Londrina: Moriá, 2007.